

**ANA VIEIRA: E O QUE NÃO É VISTO / 2011**

*um filme de JORGE SILVA MELO*

*Realização:* Jorge Silva Melo *Imagem:* José Luís Carvalhosa *Som:* Armanda Carvalho *Música original:* Pedro Carneiro *Violinista:* Daniel Bolito *Mistura de som:* Tiago Matos *Assistência de imagem:* César Casaca, Paulo Menezes *Edição e pós-produção de fotografia digital:* Miguel Aguiar *Correção de cor:* Graça Castanheira *Imagens dos filmes:* CASA DESABITADA (Igor Sterpini, 2004), ENSAIO PARA UMA PAISAGEM (1997) *Fotografias:* Eduardo Nery, Miguel Ângelo Guerreiro, Paulo Cintra, Laura Castro Caldas, Paulo Costa, Teresa Santos, Pedro Tropa, Vítor Branco *Com os actores:* Américo Silva, Diogo Cão, João Delgado, Susana Oliveira; David Granada, Inês Cunha, João de Brito, João Miguel Rodrigues, Mafalda Simões, Miguel Matos, Miguel Ramos, Pedro Lamas, Pedro Mendes, Rúdi Fernandes, Sara Moura, Tiago Cadete; Jorge Silva Melo (não creditado).

*Produção:* Artistas Unidos (Portugal, 2011) *Direcção de produção:* Miguel Aguiar, Américo Silva, João Meireles, Ana Bandeira *Produtora delegada da RTP:* Fátima Barros *Cópia:* digital, 16:9, cor, 56 minutos *Nota:* o título impresso nas cópias é ANA VIEIRA... E O QUE NÃO É VISTO *Primeira apresentação pública:* 24 de Março de 2011, Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa) *Primeira apresentação na Cinemateca:* 21 de Maio de 2022 (“JSM – O Cinema de Jorge Silva Melo e Carta-branca sem Receita”, com ANTÓNIO SENA: A MÃO ESQUIVA).

---

É curioso que Ana Vieira fale de espectadores para referir os visitantes das suas exposições, os conhecedores das suas obras. Como no cinema. “O espectador a certa altura é obra, é a obra”, diz mesmo a artista comentando peças suas, frases em corpo de letra minúsculo sobre branco a que os espectadores acedem munidos de lupa. Ouvimo-la no retrato filmado por Jorge Silva Melo em 2011, que conforme o realizador deixou dito, foi muito discutido com a artista, muito ponderada a maneira como a vida dela entrava no filme. “Os artistas plásticos são seres muito solitários e todos muito secretos, têm muita reserva a falar da sua obra.” No caso do “filme da Ana Vieira”, tratou-se acima de tudo de “um convite a olhar de modo especial para um mundo especial. Não é uma explicação daquele mundo.” Assim dizia Jorge Silva Melo em 2015, a Isabel Lopes Gomes. Já em 2009, numa entrevista anterior a Joana Beleza, justapunha o lado pessoal, e transmissível, do empenho no projecto: “A Ana Vieira é dos anos 70. Aqueles que transformaram alguma coisa neste país, ou a minha vida, durante a minha vida.”

*Realizador, encenador, actor, ensaísta, crítico, tradutor*, sendo cinéfilo, leitor, espectador de todas as artes, andarilho, passeante, criador, passador, Jorge Silva Melo foi um homem do “século passado” quando o século passado era o XIX, que foi persistindo contemporâneo do seu tempo nos séculos XX e XXI – no gerúndio, uma insistência sua. Sorte nossa. Está nos livros de antologia que publicou na Cotovia, *Deixar a Vida* (2002), *O Século Passado* (2007), *A Mesa Está Posta* (2019). Está contado no catálogo publicado pela Cinemateca, *Jorge Silva Melo Viver Amanhã como Hoje* (2024). Lembre-se, abreviada a história, que no cinema, uma paixão mais precoce do que o teatro, teve pelo menos duas vidas. Na primeira ensaísta e ficcional, que começou acidentalmente do lado do teatro no termo da sua aventura no Teatro da Cornucópia (E NÃO SE PODE EXTERMINÁ-LO?), realizou cinco longas-metragens, de *PASSAGEM OU A MEIO CAMINHO* (1980) a *ANTÓNIO, UM RAPAZ DE LISBOA* (2000), com a extensão da curta *A FELICIDADE* (2007). A segunda, retratista, foi acontecendo cruzada com a vida da companhia Artistas Unidos (AU), fundada a partir do grupo que estreou, em 1995, “António, um Rapaz de Lisboa”, a peça de Jorge Silva Melo. Os AU, tornaram-se com ou sem morada fixa, a casa de Jorge Silva Melo, que a partir de então fez irradiar o seu trabalho da (sua segunda) companhia.

Esses filmes-retrato – palavras de Jorge Silva Melo a Francisco Ferreira em 2013, “faço-os por prazer, e com tempo. Num modo de produção caseiro que me permite fugir das obrigações do cinema – continuando a fazer

cinema. (...) E acho que só agora me dou conta da importância na minha vida de grande parte das pessoas que retratei nos documentários e que moldaram a minha relação com o mundo sem eu notar. Claro que são filmes mais modestos, mas tenho muito orgulho neles. E há outra coisa: gosto de contar histórias de coisas que sei e de pessoas que conheci. E grande parte destes artistas, conheci-os, ou tomei contacto com as suas obras, há muito tempo. Não são filmes de ensaísta, são reencontros felizes.”

Começada sem propósito de série com um retrato de António Palolo (A. PALOLO: VER O PENSAMENTO A CORRER, 1999) a fase do cinema de Jorge Silva Melo na oficina dos AU, integrando um retrato de actriz (CONVERSAS COM GLICÍNIA [QUARTIN], 2004), compôs uma constelação da qual participam, na ordem da cronologia, Palolo, Joaquim Bravo, Álvaro Lapa, Nikias Skapinakis, Bartolomeu Cid dos Santos, António Sena, Ângelo de Sousa, Ana Vieira, José Guimarães, Sofia Areal e Fernando Lemos. Também houve um retrato conjunto, da Cooperativa Gravura, um auto-retrato (AINDA NÃO ACABÁMOS, COMO SE FOSSE UMA CARTA, 2015) e dois registos de encenações dos AU (os dois últimos títulos da filmografia em 2017, 2018), mas importa relevar como os filmes, cada qual imaginado e fabricado à medida do retratado, quase sempre com ele, sempre com a implicação de Jorge Silva Melo, são como conjunto, também, um retrato do retratista e um retrato de geração, a que viveu a juventude disponível em Portugal, na passagem dos 1960 aos 70. A implicação do *retratista*, que neste e naquele filme aparece brevemente em campo (é o caso no filme de Ana Vieira), é logo à superfície a do narrador, a voz que acompanha e faz reverberar a “vacilação do mundo”. Outro termo de Jorge Silva Melo que gostava da melodia dos refrões.

O interesse de Ana Vieira *pelo que não é dito e pelo que não é visto* dá forma ao retrato contemporâneo das suas exposições de 2010/11 no Museu Carlos Machado, em Ponta Delgada, e no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa. ANA VIEIRA: E O QUE NÃO É VISTO nasceu possivelmente no dia em que a artista passou pela morada dos Artistas Unidos n’A Capital e deixou uma proposta de instalação a Jorge Silva Melo, assim engatando o princípio de uma bela amizade. Ele descobriu o trabalho de Vieira nos anos 1970 das exposições na galeria Quadrante (de 1968, 1971 em diante), sabendo-a uma “guardadora de sombras” muitas vezes trabalhando, intransigente, um território de invisibilidade afim do *off* cinematográfico.

Da casa da obra dos planos iniciais à paisagem da vida nos finais, a estrutura de ANA VIEIRA: E O QUE NÃO É VISTO casa com dois elementos do universo artístico de Ana Vieira, os também cinematográficos elementos das sombras e do fora de campo. Fica por acentuar o desejo, “o desejo do que ainda não está feito” de que Ana Vieira fala duas vezes no filme porque, artista que abandona a bidimensionalidade, como Lurdes Castro e Helena Almeida, Vieira sente com o corpo – justa nota de Maria Filomena Molder certa vez em que comentou o filme na Cinemateca. O corpo de Ana Vieira é uma presença importante no filme de Jorge Silva Melo habitado pela artista, que logo a filma em contraluz como espectadora do desfile das suas próprias obras, da coreografia das suas próprias exposições projectadas no fundo do quadro. Esses planos são uma espécie de “filme no filme” embora não imediatamente perceptíveis enquanto tal, não é claro, nessas imagens, que a silhueta de costas da artista está a ser ao mesmo tempo espectadora e personagem, que o filme está a recorrer a um dispositivo que é também uma declaração de princípio.

O plano inicial, um movimento de câmara à direita no interior de uma casa de luz clara, estanca no corredor habitado por uma silhueta-recorte “Ninguém passa nos corredores. E quem passou não deixa vestígio. Talvez fique só uma cicatriz que se abre nas obras de Ana Vieira” – diz Jorge Silva Melo no *off* de abertura, passando logo a palavra a Ana Vieira. Diz ela: “E o que me interessa neste momento é o que não é dito e o que não é visto.” A narração em *off* do realizador pontua o retrato, mas é o discurso da artista que habita o filme, ancorado na perspectiva de Ana e na perspectiva de Jorge aliando-se à perspectiva de Ana. É um filme entre eles. A montagem apela às palavras, a sombra da figura de Ana Vieira projectada nas suas obras, às imagens das obras olhadas e atravessadas pela câmara, a espaços percorridos por visitantes das exposições que podem ser – e em alguns casos são – actores, e sempre às matérias que Jorge Silva Melo convoca nos seus “filmes de artistas”, as obras cuidadosamente fotografadas, imagens e filmes de arquivo.

O retrato acaba nas ilhas, literalmente avançando para uma indiscreta janela que se abre ao mar a céu aberto: a câmara avança atrás da artista, percorrendo um caminho sinuoso (como o da obra *Corredor* de 1982, filmada no princípio), um caminho íntimo, e desagua no meio das ruínas esventradas da casa de pedra que tem o portão (a janela) no centro do plano. Antes, Ana Vieira dizia, “Sempre gostei de ver com o corpo todo, nunca separei. Ver com os olhos só, não entendo.” No momento em que avança num *travelling* frontal para o mar atravessando a soleira da porta que separa a vegetação verde, florida a amarelo, do negro da rocha e do azul do oceano, estamos na vida telúrica. O último plano rasa o mar. Ana Vieira diz ainda, de si, “Eu não estava a ver arte. Estava a ver muros. E portas.”

Maria João Madeira

### Jorge Silva Melo sobre o seu filme com Ana Vieira

É insólito o lugar de Ana Vieira na arte portuguesa: trabalhando o rasto, a sombra, a passagem da luz (ou dos corpos?), o reflexo, a sobreposição, a pegada, a memória ou a planificação do futuro, a sua arte raia o invisível. E questiona o lugar da arte – e do espectador, colocado sempre “de fora” ou com a consciência do “off”.

Jorge Silva Melo

fragmento do texto de 2004 a propósito da instalação *Casa Desabitada*, publicado no *Século Passado*, 2007

Ana Vieira era para mim um nome distante, um rosto mítico, uma fotografia, uma memória de exposições na Quadrante (das Avenidas Novas) naqueles anos 70 cheios de pressa. Até que uma noite, no velho edifício d’A Capital, onde, felizes, funcionaram os Artistas Unidos, a recepcionista me disse que uma senhora passara e deixara um projecto para mim. Lá ficou uns dias, nem olhei. E uma manhã vi, era o projecto “Casa Desabitada” e quem se propunha trabalhar connosco naquele edifício em ruínas, naquele barracão imundo era Ana Vieira. Eu não a conhecia, fiquei, confesso, comovido: que alguém com o percurso e o prestígio, a obra de Ana Vieira, queira meter-se com gente acampada em edifício em ruínas, era inesperado. E só possível porque A Capital, a pouco e pouco, parecia um lugar possível, uma plataforma para os artistas, um lugar desejado. Depois, foi o corrimão do costume, negociações com as autoridades, fecho, suspensão de actividades, o exílio, o desterro no Teatro Taborda. Mas a ideia prosseguiu, a proposta de Ana Vieira fez-se. Em Lisboa e no Porto. Com a colaboração imprescindível de Liliana Coutinho (que viria a dedicar um estudo exemplar à obra da Artista publicado na Editorial Caminho), que também convoquei para me ajudar neste documentário.

Depois de 2004, não nos perdemos de vista. Em 2008/9, fizemos, com a Porta 33 (Funchal), a exposição *In/Visibilidade*, que, em Lisboa, foi montada no Palácio Marquês de Pombal, à rua do Século.

Agora, em 2010-11, a obra de Ana Vieira vai voltar a ver-se. Primeiro, no Museu Carlos Machado, em Ponta Delgada; depois, em Janeiro de 2011, no CAM. Uma retrospectiva, uma revisão, uma oportunidade única de ver (o que não se vê). O que não se vê porque está guardado, porque não é mostrável, porque a arte de Ana não é a de “colorir uns metros quadrados para pendurar na parede”. Mas o que não se vê (ou se vê de esguelha, espiando, deslocando o ponto de vista, recusando a frontalidade do renascimento) é o assunto principal deste trabalho intransigente. No cinema, designa-se isso por “off” e é o assunto principal de muitos dos mais belos planos. No teatro, chamou-se a isso “bastidores”, é onde morrem Jocasta e Antígona, se cega Édipo, morre Fedra. Nós só sabemos, porque, felizmente, Téramène na *Fedra* ou o Soldado no *Rei Édipo*, ecos, testemunhas, nos vêm contar.

Ou porque Ana Vieira, guardadora das sombras, lhes fixou a traça?

Filmar o invisível, é assim um destino: filmar o rasto (rastejar?), a ausência, colocar-me à indiscreta janela (é belo o inglês, *Rear Window*) onde passam as sombras, na caverna.

Jorge Silva Melo

fragmento do texto de 2004 a propósito da instalação *Casa Desabitada*, publicado no *Século Passado*, 2007